

A produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul:

*Queres Ler? e Quero Ler*¹

*Eliane Teresinha Peres**

Resumo

Este trabalho investiga a produção e o uso de livros de leitura no Rio Grande do Sul. Com este objetivo analisa os livros "Queres ler" e "Quero ler" cadastrados, na segunda década desse século para uso nas escolas primárias do Rio Grande do Sul. Estes manuais são adaptações do "Primeiro livro de leitura Quieres Leer" do professor uruguaio José Figueira.

Palavras-chaves: manuais, livros de leitura, história da educação.

Abstract

This work investigates the production and use of reading books in the Province of Rio Grande do Sul, South Brazil.

It analyses the books entitled "Queres Ler" and "Quero Ler". Which were, in the second decade of the present century, adapted from the book "Primeiro Livro de Leitura Quieres Leer" by the uruguayan teacher José Henrique Figueira, to be used in R.G. Sul elementary schools.

Key-words: manuals, reading books, History of education.

¹Este trabalho foi apresentado no I Congresso de História da Leitura e do Livro no Brasil, realizado em Campinas, SP, de 13 a 16 de outubro de 1998.

* Professora da FaE/UFPel
Doutoranda FaE/UFMG

“Hei de ter uma tabuada

*E o meu livro ‘Queres Ler?’
 Vou aprender fazer contas
 E algum bilhete escrever
 Prá que a filha do seu Bento
 Saiba que é meu bem querer
 E se não for por escrito
 Eu não me animo a dizer”*
*(Guri. Canção nativista gaúcha.
 Autores: João Batista Machado e
 Júlio Machado Neto).*

Introdução

Com a criação dos **colégios elementares** no Rio Grande do Sul, em 1909, o Estado *inaugura* um novo modelo de escola primária. O ensino público primário que até então era ministrado nas chamadas **escolas elementares** (escolas isoladas que funcionavam, na maioria das vezes, em uma única sala de aula, com um único professor ou professora) passa a contar com esse novo tipo de estabelecimento e com uma nova organização pedagógica: várias salas de aulas funcionando em um único prédio, agrupamento de alunos pelo “grau de adiantamento”, uma professora para cada classe, sob uma direção única.

Os gestores da educação pública gaúcha fizeram um esforço, nessa (re) organização do ensino primário, para estabelecer um novo modelo de escola considerada mais moderna, mais eficiente, mais adequada a uma sociedade em mudança.

No esforço de produzir o “novo”, o moderno, de qualificar o ensino público, tendo sempre como referência os colégios elementares, foi organizada e enviada à capital do Uruguai, em 1913, uma **missão especial** de professores e de professoras com a finalidade de realizar estudos e observações sobre o funcionamento e a organização das escolas primárias do país vizinho. Essa missão permaneceu durante três meses em Montevideú, financiada pelo governo do Estado gaúcho. A comissão de professores foi chefiada pelo diretor da Escola Complementar da capital, Alfredo Clemente Pinto, integrada, ainda, por mais um professor e quatro professoras dos cursos elementares anexos à Escola Complementar². Estava, a comissão, “incumbida de observar os métodos de ensino seguidos

²O professor era Afonso Guerreiro Lima. Quanto às quatro professoras, eram: Ondina Godoy Gomes, Georgina Godoy Moritz, Marieta de Freitas Chaves e Florinda Tubiano.

nos estabelecimentos de instrução pública da adiantada República vizinha” (Relatório, 1913)³. Como afirmaram os próprios professores e professoras em seus relatórios, o objetivo principal da viagem ao Uruguai foi o de “conhecer de perto os sistemas e processos educativos postos em prática nas aulas públicas desta pequena mas adiantada e florescente República” (Relatório, 1913). Os relatórios nos dão conta de que a comissão, durante esses três meses, observou pelo menos duas escolas de 1º grau, duas de 2º grau e uma de 3º grau⁴. Visitou, ainda, as duas Escolas de Aplicação da capital uruguaia, as duas Escolas Normais (a feminina e a masculina), o Jardim de Infância, o Asilo Maternal, a Escola ao Ar Livre, o Instituto dos Surdos-Mudos, e o Museu e Biblioteca Pedagógicos.

E sobre quais aspectos mais especificamente os professores e professoras lançaram seus olhares? Nas escolas de 1º, 2º e 3º graus, observaram cuidadosamente o cotidiano escolar no seu conjunto: a organização pedagógica, os horários das aulas e das atividades, a composição do corpo docente e das direções, a escrituração escolar, etc. Mas algumas questões ocuparam mais tempo e prenderam a atenção da comissão de forma mais cuidadosa. Nos seis relatórios que produziram registrando as impressões sobre as escolas uruguaias, três aspectos se sobressaem: a atenção dada aos prédios, mobiliário e materiais escolares; o registro detalhado da disciplina dos alunos; e a extensão dos comentários sobre os conteúdos de ensino. Os prédios escolares sempre foram, desde os primeiros anos do século, um grande problema que as administrações governamentais do Estado gaúcho não conseguiram resolver. Impressionou os professores e professoras a qualidade dos prédios escolares em Montevideú. Eles registraram os detalhes dos prédios escolares visitados: o pátio, as salas de aula, as janelas, as portas, a iluminação, o tamanho das salas, o asseio, a água fornecida às crianças, a decoração das paredes, os retratos, as plantas e as flores; tudo foi motivo de atenção da comissão gaúcha. Quanto ao mobiliário, observaram as carteiras, as cadeiras, o papel que forrava as mesas, os tinteiros, os limpa-penas, etc. No que tange à disciplina dos alunos, elogiaram incansavelmente o uso da campanha pela diretora para organizar as crianças, a imobilidade dos alunos diante do som da campanha, a marcha compassada e militar, os cantos patrióticos, a execução sincronizada dos movimentos das crianças diante dos sinais da

³Os seis relatórios produzidos pelos professores e professoras que fizeram parte da comissão ao Uruguai, estão anexados junto ao Relatório apresentado ao Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros. Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Pelo Dr. Protásio Antonio Alves. Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior. Em 08 de setembro de 1913.

⁴O ensino primário uruguaio era dividido em três graus: 1º, 2º e 3º anos, compunham o ensino de 1º grau; 4º e 5º anos o do 2º grau; 6º e 7º anos o de 3º grau. Havia ainda uma aula inicial chamada aula preparatória de ensino da leitura e da escrita para crianças de seis anos, o que muito impressionou a comissão.

professora. E, por fim, os professores e professoras teceram longas considerações sobre cada matéria ensinada na escola primária uruguaia.

Nos relatórios transparece, também, uma representação de escola ideal. Ao registrar suas impressões sobre o cotidiano escolar, os professores e as professoras da “comissão especial” expressaram e trouxeram à tona suas experiências e suas demandas profissionais. Em algumas situações narradas nos relatórios, indicam isso de forma mais explícita: ao referenciar várias vezes que em cada classe havia um número reduzido de alunos, indicando que as condições em que trabalhavam nas escolas gaúchas no tocante ao número de alunos não eram as mais adequadas; ao enfatizar que nas escolas primárias uruguaias o uso do livro-texto era apenas para as aulas de leitura e que, portanto, não havia esse material para as outras matérias escolares; ao salientar que as diretoras das escolas primárias do Uruguai não tinham regência de classe, ou seja, não acumulavam as funções como acontecia, então, no Rio Grande do Sul; e chama atenção, também, o fato de os professores terem feito questão de registrar a abundância de materiais didático-pedagógicos à disposição de alunos e das professoras nas escolas primárias do Uruguai, afirmando que a Diretoria Geral procurava sempre garantir tais materiais: (...) “estão as escolas providas de todo o necessário e se alguma coisa lhes falta é imediatamente fornecida pela Diretoria Geral mediante pedido da diretora” (Relatório, 1913). Foi, portanto, sob a lógica da situação vivida e da situação desejada pelas professoras gaúchas que tais registros foram feitos.

A experiência de estudos, de pesquisa, da observação, da vivência, da aprendizagem no país vizinho, frutificou. A convite do governo do Uruguai, depois dessa comissão de 1913, o governo gaúcho enviou, com as despesas pagas pelo Estado, seis alunas-mestras para estudar na Escola Normal de Montevidéu e na Escola de Aplicação daquela cidade. As alunas-mestras Carolina Cunha, Olga Acauan, Marina Cunha, Idalina Mariante Pinto, Maria José de Souza e Branca Diva Pereira, formadas pela Escola Complementar de Porto Alegre, em 1913, estudaram, durante todo o ano de 1914, em Montevidéu. As três primeiras foram matriculadas no Instituto Normal feminino a convite do governo uruguaio e recebiam o montante de 300\$000 (trezentos mil réis) do governo gaúcho e mais \$ 30 (trinta pesos) do governo do Uruguai. As outras recebiam apenas os 300\$000 (trezentos mil réis) do governo gaúcho e foram com o objetivo de, segundo o telegrama do Secretário dos Negócios do Interior e Exterior, Protásio Alves, “praticar aplicação ouvindo lições” (Relatório, 1913). Acompanharam, assim, algumas aulas da Escola Normal e da Escola de Aplicação. Decorrente dessa experiência e talvez impressionadas com a qualidade dos métodos e dos materiais pedagógicos da vizinha República, duas dessas

professoras adaptaram, na segunda década desse século para uso nas escolas primárias do Rio Grande do Sul, o *Primeiro Livro de Leitura Queres Leer?*, do professor uruguaio José Henrique Figueira.

1. O primeiro livro de leitura Queres Ler?

Assim como por qualquer caminho pode-se ir a Roma, assim também com qualquer método se pode ensinar a ler; mas assim como existe um caminho mais seguro e agradável para se ir de um ponto a outro, assim também há um método mais vantajoso para ensinar a ler (José Henrique Figueira. *Queres Ler?*, p. 119. Instruções Práticas sobre a Didática da Leitura).

O livro de leitura *Queres Ler?* foi adaptado pelas professoras Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza, ambas alunas-mestras pela Escola Complementar de Porto Alegre e integrantes do grupo que participou da experiência de aperfeiçoamento profissional na Escola Normal de Montevidéu no ano de 1914.

Os dados quantitativos sobre o número de edições e das tiragens do *Queres Ler?*, não foram encontrados⁵. Particularmente, meu interesse pelo livro *Queres ler?* decorreu de entrevistas realizadas com professoras primárias gaúchas que atuaram em escolas do Estado entre o final da década de 20 e os anos 60⁶. Nessas entrevistas foi recorrente a afirmativa: “eu sou do tempo do *Queres Ler?*”. “Ser do tempo do *Queres Ler?*”, marca um período da escolarização primária no Rio Grande do Sul e identifica, acima de tudo, uma geração de alunos e de professoras sul-rio-grandeses. Esse era um dado que não poderia ser desconsiderado. Dele nasceu o interesse em conhecer mais e melhor esse *Primeiro Livro de Leitura* que, ao que tudo indica, foi um dos mais usados no Estado. O *Queres Ler?* integrava a lista dos livros aprovados pela Comissão de Exame de Obras Pedagógicas de 1924, tendo sido recomendado para uso nas escolas públicas.

O exemplar do *Queres Ler?* de que disponho é do ano de 1935, não constando edição e tiragem. Como muitos dos livros de leitura editados no

⁵ Um exemplar do Primeiro Livro de Leitura Queres Ler? é hoje muito difícil de se conseguir. Percorrendo os sebos da capital gaúcha obtive a informação de que esse livro é muito procurado pela geração de alunos saudosistas de escolas gaúchas que compram o Queres Ler? para guardar como recordação de sua vida escolar. Segundo um livreiro porto-alegrense, o último exemplar que ele dispunha foi vendido a mais ou menos um ano (1997) pelo valor de R\$ 70,00. Uns poucos exemplares, entretanto, estão disponíveis em Bibliotecas Públicas e acervos particulares. Na realização desse trabalho utilizei um exemplar do acervo particular do Professor Dr. Elomar Tambara, a quem agradeço o empréstimo da obra.

⁶As entrevistas foram realizadas para a tese de doutoramento que estou desenvolvendo na FAE/UFMG e que intitula-se Cultura escolar, ação e prática docente nas escolas públicas primárias gaúchas (1909-1959).

Rio Grande do Sul, também o *Queres Ler?* foi publicado pela Livraria Selbach de Porto Alegre.

Nesse exemplar, de 1935, consta uma advertência na capa do livro: “É propriedade. Reprodução proibida”. Adiante lê-se: “Adaptação Autorizada. Porto Alegre. Rio Grande do Sul. 1935”. O prólogo do livro, assinado pelo Prof. José Henrique Figueira, autor da versão original em castelhano *Quieres Leer?*, é, porém, de 1919; o parecer da Comissão de Exame de Obras Pedagógicas do Rio Grande do Sul, aprovando o uso do livro nas escolas primárias gaúchas, reproduzido no início do livro, data de 1924; e, uma terceira indicação de que antes de 1935 o livro já estava efetivamente em uso em escolas sulinas, é dada pelo próprio parecerista Antonio Henrique de Casaes, o qual afirma: “tive o prazer de certificar-me do valor prático do QUERES LER?, assistindo a várias lições no Colégio Elementar Souza Lobo” (p.XIII).

Pretendo, nesse trabalho, explorar três aspectos do *Primeiro Livro de Leitura Queres Ler?*: a concepção de ler e de leitura, o método do ensino de leitura propugnado e a estrutura de organização do livro.

A leitura é considerada, nesse livro, um trabalho inteligente. Uma disciplina que permite adquirir a maior parte dos conhecimentos possíveis às pessoas. Elemento propulsor da oralidade, do enriquecimento do vocabulário, da prática da ortografia, a leitura é apresentada como indissociável da escrita. Há, ao longo do livro, uma insistência para que os professores desenvolvam conjuntamente as habilidades de leitura e de escrita. O parecerista da obra, em consonância com os princípios pedagógicos do livro, faz a seguinte afirmativa:

(...) ensinar leitura sem escrita seria uma anomalia pedagógica, um esquecimento censurável, uma perda de tempo injustificável. O ensino da escrita, unido ao da leitura, além de um processo lógico e natural, tem as seguintes vantagens: os caracteres da impressão não bastam para dar vida e atração à lição de leitura: a escrita fixa mais poderosamente a atenção, põe em jogo, além das memórias visual e auditiva, a memória muscular; ativa a curiosidade e torna mais interessante o trabalho; vivifica, por assim dizer, as letras, ‘fazendo-as nascerem sob os olhos da criança’ (p.IX).

Nas notas que precedem cada parte do livro há, portanto, uma insistência quanto à necessidade do ensino conjunto da leitura e da escrita. Não ensinar simultaneamente a leitura e a escrita era considerado um dos principais erros que os professores poderiam cometer. A escrita das palavras

era considerada uma forma de *facilitar* o ensino da leitura porque associava memória visual e memória muscular.

Entendia-se que ler era, acima de tudo, compreender, dar sentido ao que era lido, em uma associação das palavras com as idéias e sempre com o auxílio da imagem, que era considerada a “companheira da idéia” (p. VIII). Leitura não poderia, assim, ser um trabalho da memória. Não deveria, por isso, ser ensinada através de sons “que nada significam” (p.VIII), de letras ou de sílabas. O ponto de partida do ensino da leitura era, portanto, a palavra associada à imagem e à idéia.

Tanto no prólogo, assinado pelo autor da versão original do livro, José Henrique Figueira, quanto nas notas de orientação que precedem cada parte do livro e que sucedem cada lição, e ainda nas *Instruções práticas sobre a Didática da Leitura no primeiro ano escolar*, apresentadas ao final do livro e também assinadas por José Henrique Figueira, há um esforço, ao que tudo indica, para construir uma “nova” forma escolar de ler, ou melhor, de ensinar e de aprender a ler. Condenando sempre a falta de sentido da leitura então praticada na escola, o anacronismo dos *métodos ABC*, a ausência de significado no ato de aprender a ler, o aborrecimento, a fadiga e a monotonia dos métodos que faziam uso apenas de letras e dos sons para o ensino da leitura, há, no *Queres Ler?*, a defesa da possibilidade de a leitura na escola ser algo vivo, animado, interessante. Ler na escola deveria ser uma forma de interpretar os sentimentos e os pensamentos. Nesse livro, o autor da versão original e as autoras gaúchas, chamam a atenção dos professores para as relações entre leitura-significado-compreensão. O parecerista da obra, acompanhando o espírito de seus autores, também dá mostras de uma nova representação de ensinar/aprender a ler na escola que estava em processo de construção. Diz ele: “ler não significa traduzir a linguagem escrita em linguagem falada; é alguma coisa mais: é entender, compreender, assimilar, sentir o trecho lido” (Antonio Henrique de Casaes, p. XIII).

Ler deveria ser, também, uma atividade que, aproveitando a curiosidade natural da criança, favorecesse sua iniciativa e sua autonomia (p.VIII). Permanece, no entanto, a idéia de que a aprendizagem da leitura se processa em dois momentos: no primeiro, “a inteligência se alia aos sentidos”; mais tarde, “a inteligência se alia ao sentimento e à reflexão” até se chegar a uma leitura “harmônica e completa” (p.VIII). Ou seja, mesmo considerando o esforço em associar leitura e compreensão, leitura e significado, permanece a idéia de que **primeiro se aprende a ler – decifrar – e depois se lê** de forma efetiva com a emoção, o sentimento, a compreensão.

Mas a leitura inteligente, compreensiva, significativa só poderia ser alcançada através do emprego do método mais adequado de ensino da leitura: o **método intuitivo analítico sintético de leitura e escrita corrente de palavras e frases básicas ou normais**. Assim era denominado o método do *Queres Ler?*. Intuitivo porque as *palavras normais ou básicas* representariam coisas que as crianças poderiam ver, tocar, palpar, observar (p. VIII). Intuitivo também porque a cada palavra apresentada correspondia um objeto respectivo supostamente do conhecimento das crianças, havendo, assim, a associação entre as idéias e as palavras, levando a uma leitura compreensiva por parte do aprendiz (p. XVIII). Esses princípios para o ensino/aprendizagem da leitura estavam em consonância com o método intuitivo, um dos pilares do movimento de renovação pedagógica, e que foi introduzido no Brasil ainda durante o século XIX. As características de observar e trabalhar eram centrais no método intuitivo: “observar significa progredir da percepção para a idéia, do concreto para o abstrato, dos sentidos para a inteligência, dos dados para o julgamento” (Vera Teresa Valdemarim, 1998:69). A importância dos sentidos, da reflexão, da compreensão, da significação das palavras, da “observação do próprio pensamento” (Valdemarim, p.72) eram pilares da proposta de ensino da leitura do *Queres Ler?*. Havia, contudo, uma orientação às professoras em notas introdutórias do livro para que evitassem o *erro* de “deter-se, sem necessidade, nos exercícios de motivação e significação das palavras, com que a leitura se transforma em lição sobre objetos [lições de coisas] e se dispersam as forças que os alunos devem concentrar (enfocar) nas dificuldades próprias da leitura” (*Queres Ler?*, p.XIX).

A proposta do ensino de leitura do *Queres Ler?* era considerada, pelo seu criador e por suas adaptadoras, um método ativo que “respeita a personalidade do homem em formação”, que “permite a maior liberdade do aluno”, que combina “o que há de bom em todos os métodos de leitura, desde o método alfabético até o de frases” (p. VI). A combinação de todos os métodos conhecidos - objetivo, palavração, sentençação, manuscrito e fônico (silabação e soletração) -, era considerada a chave do sucesso do *Queres Ler?*. Esses métodos reunidos é que poderiam “produzir o método único e verdadeiro” (p. XII). Essa crença estava sustentada pela idéia de que a simultaneidade do uso dos órgãos dos sentidos - memória auditiva, memória visual, memória muscular, oralidade - permitiria uma *retenção* maior dos conteúdos a serem aprendidos. Na proposta do *Queres Ler?*, essa simultaneidade estava prevista: conhecer e falar sobre o objeto que a palavra representava, visualizar e oralizar a palavra, ouvir lentamente os sons que a compunham, ver e escrever a palavra nas formas manuscrita e impressa.

O **método intuitivo analítico sintético** do *Queres Ler?*, é, ainda, apresentado como sendo o melhor método de ensino de leitura porque, acima de tudo, respeitava as leis inatas da natureza humana, como por exemplo a da fala. A aprendizagem da fala é um processo considerado natural, espontâneo e que se inicia com a emissão de palavras por parte da criança. A palavra é aprendida pelo falante de forma inteira, inteligível, compreensível e assim deveria se proceder no ensino da leitura. O parecer da obra refere, em defesa do **método intuitivo analítico sintético**, que “ele segue uma marcha natural, tomando por ponto de partida uma idéia e não letras e sílabas, que nada significam e cujo insípido serve apenas para inspirar desgosto e mui legítima aversão à escola” (p. X).

A orientação do livro é sempre no sentido de que todo o trabalho dos professores deveria ser feito a partir da *palavra normal ou básica* (palavra chave) e num processo de decomposição - embora não devesse ser abusivo. As frases deveriam ser decompostas em palavras e cada palavra estudada separadamente. As adaptadoras do *Queres Ler?*, no entanto, sinalizam para o cuidado com os seguintes *erros* na aplicação do **método intuitivo analítico sintético**: análise prematura, exigindo a decomposição antes da leitura das palavras e da respectiva associação com a idéia que ela expressava; excesso de análise das palavras, devendo esse processo ficar restrito às *palavras normais*; excesso de exercícios fonéticos, pois insistir nessa atividade significaria dificultar a leitura corrente; ensino do nome das letras sem a familiarização dos alunos com os sons respectivos. Isso indica que havia, segundo esse método, um momento certo para cada atividade.

Em cada uma das lições é apresentada, então, uma *palavra normal* acompanhada da imagem, e após são apresentadas palavras derivadas, palavras grafadas em letras manuscritas e em letras “de forma”, e a partir da lição de número oito são apresentadas pequenas frases. Convém, antes de explorar as lições do livro, apresentar a estrutura geral do *Queres Ler?*, e a lógica sob a qual ele foi organizado. O livro pretende seguir um princípio básico: o da gradação de dificuldades lexicográficas, ortográficas, fonéticas e prosódicas, sendo dividido em quatro partes. Cada parte é precedida de uma nota orientando o trabalho docente, e cada lição é seguida de uma pequena nota explicativa. Em cada uma das partes há uma classificação que obedece, conforme afirmei, características lexicográficas, ortográficas, fonéticas e prosódicas. Organizei o seguinte quadro que pode ajudar a compreender a estrutura e a lógica desse livro:

Características consideradas na organização das lições do <i>Queres Ler?</i>	Exemplos
1. Palavras quanto ao número de letras	Uma/quatro letras: <i>uva, luva</i> Até oito letras: <i>vestido, cavallo</i> Até onze letras: <i>borboleta</i>
2. Palavras quanto ao número de sílabas	Monossílaba e dissílaba: <i>um, bola</i> Trissílaba: <i>sapato</i> Polissílaba: <i>crucifixo</i>
3. Palavras com sílabas diretas e inversas	Diretas: <i>le, la, lo, lu (fala, lobo)</i> Inversas: <i>al, an, am, as, ar (aljava, espada)</i>
4. Palavras com sílabas simples e mistas	Simples: (v); (c+v); (v+c) <i>ovo, mala, anjo</i> Mistas: (c+v+c) <i>vestido, tenaz</i>
4. Letras de figura simples e de figura dupla	Simples: <i>bala, bola, nabo, pato, pipa</i> Duplas: <i>penna, cavallo, mappa, janella</i>
5. Letras de som simples e de som duplo	Simples: <i>bala, bola, nabo, pato, pipa</i> Duplos: (s) <i>sapo, mesa</i> ; (r) <i>rato, pera, jarro</i> ; (c) <i>cervo</i> (brando), <i>cavallo</i> (forte)
6. Letras de som composto	(x) <i>xadrez</i> (ch), <i>crucifixo</i> (ks), <i>máximo</i> (ç), <i>exame</i> (z), <i>calix</i> (s)
7. Letras líquidas	<i>Livro, quadro, flecha, globo</i>
8. Palavras esdrúxulas [proparoxítonas], graves [paroxítonas], agudas [oxítonas]	<i>Pássaro, pacote, caracol</i>
9. Pontuação	Ponto final, vírgula, traço de união; Ponto de interrogação, ponto e vírgula; Trema, ponto de admiração, dois pontos;

Assim, considerando todos esses elementos lingüísticos, o *Queres Ler?* está organizado, conforme afirmei, em quatro partes e cada parte em lições. Na primeira parte há dezessete lições utilizando as seguintes *palavras normais*: *ovoluva* (visualização); *ovo* (o/v); *uva* (u/a); *luva* (l); *fava* (f); *balabola* (b); *vela* (e); *dedo* (d); *juba* (j); *bota* (t); *nabo* (n); *doze* (z); *pata* (p); *pipa* (i); *mala* (m); *sapo/mesa* (s); e uma lição de recapitulação. Essa primeira parte segue as seguintes características lingüísticas: palavras de uma a quatro letras, monossílabas e dissílabas, sílabas simples e inversas, letras de figura simples e de som simples e duplo (*sapo/mesa*). Na segunda parte há vinte e nove lições que obedecem a seguinte caracterização: palavras de até oito letras e três sílabas, sílabas de uma a três letras, sílabas diretas e inversas simples e mistas, letras de dupla figura e dois sons. Na terceira parte são apresentadas vinte e três lições que têm palavras de até onze letras e quatro sílabas, esdrúxulas, sílabas diretas e inversas simples e compostas, e mistas simples e compostas, letras de som composto, ditongos. Na quarta e última parte são apresentados *trechos literários* em número de dez, com as seguintes temáticas: *Minha boneca*, *Os gatinhos*, *A esmola*, *A oração da manhã*, *Meu cãozinho*, *Uma carta*, *O menino aseado*, *As frutas do vizinho*, *Um menino atencioso*, *A bandeira brasileira*. O livro apresenta, ainda, cinco *estampas* - *Queres Ler?*, *Primavera*, *O cão pastor*, *No recreio*, *Animais úteis* -, que tinham como objetivo fazer com que as crianças “expliquem de viva voz o que as mesmas representam. Desse modo, as crianças compreenderão que as figuras constituem uma forma da linguagem escrita e aprenderão a ler o que o artista quis expressar” (p. XVII).

Na perspectiva de que “o trabalho histórico deve ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados” (Roger Chartier, 1990:131), é possível afirmar que para a escola primária do Rio Grande do Sul, nas décadas de 20-30, houve um processo de *alargamento* da concepção de ler, uma *ampliação* do sentido da leitura escolar. Ler *estampas*, ler de forma compreensiva, ler associando a palavra a uma imagem e à idéia correspondente, são exemplos que sinalizam para essa “nova” forma de ensinar-aprender a ler na escola.

2. O Primeiro Livro de Leitura Quero Ler

O *Primeiro Livro de Leitura Quero Ler* (s/d. 3ª edição), é de autoria de Branca Diva Pereira de Souza, uma das professoras que adaptou o *Queres Ler?*. O livro *Quero Ler* traz, já na capa, a seguinte inscrição: “*Ensino Global da Leitura e da Escrita*”. Na primeira página lê-se: “*Primeiro livro de leitura. Ensino global da leitura e escrita pelo método visual-ideológico*”, anunciando já a relação da aprendizagem da leitura

como expressão das idéias. Esse livro foi editado pela Livraria Selbach, de Porto Alegre. Embora a edição de que disponho não traga a data de sua publicação, tenho a hipótese de que esse livro, pelas suas características, pela história de sua autora e pela similaridade do título, seja posterior ao *Queres Ler?*. Ao contrário do *Queres Ler?*, ele não apresenta *palavras normais*, mas sim textos organizados por temáticas: *Na escola* (oito lições), *Antes da aula* (uma lição), *Ao café* (três lições), *Depois da aula* (uma lição), *Alimentação* (treze lições), *As flores* (duas lições), *O vestuário* (quatro lições), *Nossas ruas* (seis lições), *Meios de locomoção* (três lições), *A casa* (duas lições), *Dormitório* (duas lições). Há uma personagem central nesses textos: uma menina chamada Maria. Ela é quem vivencia as situações narradas nos textos e que se passam no espaço da escola, da casa, da cidade, do campo. Ao final do livro são apresentados três textos de temáticas cívico-religiosas: *Minha Pátria*, *A Bandeira Brasileira*, *Minha Oração*. Diferentemente do *Queres Ler?*, o *Primeiro Livro de Leitura Quero Ler* apresenta sugestões de alguns poucos exercícios e jogos (testes de coordenação lógica, modelos de loto, atividades de reconhecimento de desenhos e frases, jogos de sílabas).

Suponho que Branca Diva Pereira de Souza tenha usado do sucesso e da experiência do *Queres Ler?* para escrever um novo livro de leitura assumindo totalmente as vantagens do método global no ensino da leitura. A autora dirige-se “às prezadas colegas do magistério” oferecendo o que considera um “modesto livro organizado sob os moldes de um método que está em relação com os dados da psicologia infantil” (p.6). Segue afirmando que não teve a pretensão de inventar método algum - indicando o caráter precursor para o Rio Grande do Sul do que estava propondo -, já que o método global, afirma ela, tinha os seus precursores no século passado. Branca Diva Pereira de Souza diz que “observou por experiência” que a “função de globalização na atividade mental infantil é um ‘fato’”. Segundo ela, experimentou o “método visual-ideológico de Decroly no que se refere à leitura e escrita” (p.6). Ela se auto-atribui, no entanto, o mérito da aplicação dos “processos de retificação do aprendizado sob forma de testes de coordenação lógica, modelos de loto para reconhecimento dos desenhos e frases, jogos de sílabas”. As lições de recapitulação e as notas de orientação às professoras, diz a autora, “são de minha exclusiva autoria” (p.6). Todas essas observações iniciais de Branca Diva Pereira de Souza são um indicador de que a autora atuou como professora primária por muito tempo, ao contrário de Olga Acauan que galgou altos postos na educação pública gaúcha, chegando em 1937 ao posto de Diretora Geral da Instrução Pública, sendo a primeira mulher a ocupar esse cargo. Branca Diva Pereira

de Souza experimentou o uso do método global antes mesmo da publicação do seu livro *Quero Ler*.

Se o *Primeiro Livro de Leitura Queres Ler?*, parece ter sido um marco em termos de uso e circulação nas escolas primárias gaúchas, o *Primeiro Livro de Leitura Quero Ler* provavelmente indica o momento da introdução do método global no Rio Grande do Sul para o ensino da leitura. Apenas no prosseguimento da pesquisa é que essas questões poderão ser melhor esclarecidas.

Considerações finais

O *Primeiro Livro de Leitura Queres Ler?*, ao propor o **método intuitivo analítico sintético** para o ensino da leitura, significou um esforço de produção de um discurso que tentava convencer professores e professoras de que a leitura era um processo “essencialmente analítico” (p.X) e que, portanto, a proposta era realmente a mais moderna, a mais eficiente e que traria os melhores resultados no ensino da leitura. O autor e as adaptadoras do **método intuitivo analítico sintético de leitura e escrita corrente de palavras e frases básicas ou normais**, sustentavam a idéia de que somente com a introdução desse método nas escolas primárias seria possível a formação de *bons leitores*. Ser um bom leitor previa a liberdade do educando, a espontaneidade durante o ato de ler, a independência do leitor. Ser um bom leitor era, fundamentalmente, ler mais, ler com interesse, ler atribuindo significado ao texto, ler para dominar outros conhecimentos.

Ainda no campo da suposição, considero que o *Quero Ler* não obteve o mesmo sucesso que o *Queres Ler?* porque rompeu definitivamente com o ecletismo da palavrção, da sentencição, da silabação, da fonética, já que apresentava, desde o início do processo, textos para o ensino da leitura. Ou seja, a idéia de que o melhor método de ensino da leitura era o misto foi amplamente aceito pelas professoras primárias, daí possivelmente o sucesso do *Queres Ler?*. A frase e o texto como unidade de aprendizagem era de difícil aceitação. Uma professora primária entrevistada, formada pela Escola Complementar de Pelotas, RS, no final dos anos 30 e que atuou entre as décadas de 30 e os anos 60 em escolas públicas primárias, assim relatou:

Na Escola Complementar eu aprendi [alfabetizar] com o *Queres Ler?*, aquele. (...) Eu assistia... porque tinha aulas práticas na escola, tinha aula prática e a gente ia prá dentro da sala de aula ver a professora dar aula. Chegava um dia em que tu tinhas que dar aula na frente da professora para aqueles alunos.

(...) E depois veio um método de frases. Com frases a gente também... Eu seguia sempre pela frase. Eu comecei... **eu não queria dispensar o a, e, i, o, u, né?** Então eu comecei: tu queres

ler? Ivo viu a Eva. Depois então eu fazia eles trocarem a frase, inverter: Eva viu o Ivo. E dali eu seguia com outras palavras: Eva viu o ovo. Ivo viu a uva. **Mas me dedicando mais aos pedacinhos** (Maria de Lourdes, 80 anos).

Longe de esgotar todas as possibilidades de análise, os livros aqui apresentados têm, ainda, muito a ser explorado. Seria possível, entre outras coisas, uma análise de gênero (representações do feminino e do masculino), algumas considerações em torno da representação de escola, uma análise das gravuras e dos conteúdos dos textos, uma reflexão mais apurada das orientações pedagógicas, dos aspectos lingüísticos, etc.

Para finalizar, uma palavra acerca dos títulos dos dois livros aqui analisados. *Queres Ler?* indica um convite para que os leitores “entrassem” no universo da leitura. Cabia a eles a decisão de responder de forma intensiva a essa interrogativa. Era um “chamado” que pretendia instigar o futuro leitor a fazer parte desse mundo da leitura e da escrita. *Quero Ler* é uma afirmativa que indica uma decisão já assumida pelo leitor. Não é em vão que a autora Branca Diva Pereira de Souza reproduz as palavras de Claparède como epígrafe de seu livro: “as crianças não fazem o que querem e sim querem o que fazem”.

Fontes de consulta

1. Relatório apresentado ao Sr. Dr. A. A. Borges de Medeiros. Presidente do Estado do Rio Grande do Sul. Pelo Dr. Protásio Antonio Alves. Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior. Em 08 de setembro de 1913.
2. Entrevista. D. Maria de Lourdes. Pelotas, RS. Realizada em 18/07/1997.
3. *Queres Ler? Primeiro Livro. Lições e exercícios normaes de leitura-escrita corrente e orthographia usual.* Olga Acauan e Branca Diva Pereira de Souza. Porto Alegre, 1935.
4. *Quero Ler. Primeiro Livro. Ensino Global da Leitura e da Escrita.* Branca Diva Pereira de Souza. Porto Alegre: Livraria Selbach, s/d.

Referências Bibliográficas

- Chartier, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- Valdemarin, Vera Teresa. Método Intuitivo: os sentidos como janelas e portas que se abrem para um mundo interpretado. In: Souza, Rosa F., Valdemarin, Vera T. e Almeida, Jane S. *O legado educacional do século XIX*. Araraquara: UNESP, 1998.